IPHAN Fl. 405 Rubrica
IPHAN 402 Fl. Rubrica

Processo nº 01450.007272/2008-61,

Solicitação de Registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão a ser inscrito no Livro das Celebrações como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Ilmo Sr. Presidente do IPHAN.
Ilmos Srs Conselheiros.

Foi com satisfação que recebi do Sr. Presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, através da Professora Anna Maria Serpa Barroso, a tarefa de examinar e opinar sobre o processo de registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi, como relevante forma de celebração da cultura brasileira no Estado do Maranhão.

Em primeiro lugar, por se tratar de assunto que cala tão fundo a alma do povo maranhense, ao qual me irmanei, pois é a terra onde tenho a felicidade de viver desde a década de setenta, me dedicando exclusivamente às atividades de preservação do acervo de patrimônio cultural. Mas encontro aqui também a oportunidade de contribuir mais uma vez para a consolidação da política de salvaguarda do Patrimônio Imaterial, que vem sendo praticada com êxito pelo IPHAN a partir do decreto nº 3.551 de 04 de agosto de 2000.

Esta visão de patrimônio, por sua vez foi expressa de forma premonitória e pioneira ainda no início da década de 30 do século passado, no projeto de Mário de Andrade, um dos grandes responsáveis pela criação desta instituição, cuja nova sede hoje se inaugura, oferecendo melhores condições de trabalho aos seus funcionários, como certamente um dia ele terá sonhado.

Assim é que neste momento, sinto a imensa responsabilidade e ao mesmo tempo muito honrado pela missão, como conselheiro integrante da Câmara do Patrimônio Imaterial, de ser o relator deste caso, de preparar o parecer final e submetê-lo à apreciação deste Egrégio Conselho. Na verdade um privilégio, o de haver compulsado tão valioso acervo de informações.

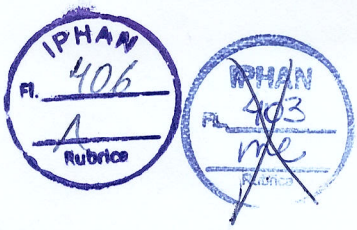
Neste ponto entendo que é meu dever como relator, trazer aos meus pares conselheiros de forma isenta, uma síntese dos elementos que constam desta vasta e rica coleção de documentos.

O primeiro volume do processo se inicia em 20 de maio de 2008, a partir da solicitação da Comissão Interinstitucional de Trabalho, integrada pela Superintendência Regional do Iphan no Maranhão, Secretaria de Estado da Cultura, Fundação Municipal de Cultura, Comissão Maranhense de Folclore, Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular da UFMA, representantes dos Grupos de Bumba-meu-boi dos Sotaques da Baixada, Matraca, Zabumba, Costa-de-mão, Orquestra e de Bumba meu boi Alternativos.

Esta solicitação por sua vez foi encaminhada ao Presidente do Iphan, Dr. Luiz Fernando Almeida, através do Memorando nº 078/08 IPHAN-MA de 30 de abril de 2008 da Superintendente do Iphan no Maranhão, Kátia dos Santos Bogéa.

Seguem-se os seguintes documentos:

1- Cópia do livro de adesão com as primeiras 1433 assinaturas de adesão ao pedido de registro por parte de representantes da comunidade;
2- Uma coletânea completa de todas as atas das reuniões realizadas no período de outubro de 2006 até 29 agosto de 2007 pela comissão Interinstitucional de Trabalho bem como das equipes técnicas representantes de grupos e sotaques.



3- Cópias dos documentos protocolares administrativos assinados pela Diretora do DPI/IPHAN, datados de 23/05/2008 comunicando aos diversos integrantes da referida comissão, a abertura oficial do processo para o registro do Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão, como patrimônio cultural do Brasil.
4- Em 10/07/2008 a superintende do IPHAN no Maranhão encaminha a gerente de Registo Imaterial uma extensa relação de documentos com intuito de complementar o pedido e enriquecer os subsídios na instrução do processo. Inclui uma lista de adesão atualizada com total de 2.643 assinaturas.
5- Em 10/01/2011 Memorando nº 025/2011 da Superintendente do IPHAN no Maranhão encaminha ao DPI /IPHAN as seguintes peças: Cópia do dossiê em meio digital; Inventário INRC Impresso; 03 cópias de vídeos com 60, 45, e 29 minutos.
6- Documentos de ratificação do pedido de registro datados de 10/02/2011 por parte de todos os integrantes da comissão Interinstitucional.
7- Termos de autorização de uso de imagem relativos às filmagens dos documentários produzidos para o dossiê.
8- Em 22/02/2011, Memorando nº 054/11 da Coordenação de Registro encaminha exame preliminar do pedido, sugerindo consulta formal aos membros da Câmara do Patrimônio Imaterial, sobre a pertinência para atendimento do art 5º da resolução 001 de 03/08/2006.
9- Seguem-se as manifestações de concordância por parte dos membros da Câmara, endossada pelos respectivos argumentos técnicos.

O primeiro volume do processo se encerra com o índice de todos os itens que compõem o dossiê e o segundo volume se inicia em 01/06/11com a versão final do texto do dossiê, seguida do competente parecer nº 19/2011 de 31/05/11, da Antropóloga Diana Dianovski, que em 28 paginas elabora uma excelente síntese da documentação, concluindo pela inscrição. Anexo ao parecer uma relação de 175 Apensos.

Em 03/06/11 há o Memo nº 179/11 da diretora substituta do DPI Ana Gita de Oliveira, encaminhando o processo ao Procurador Chefe Dr. Antônio Fernando Alves Leal Neri para exame e pronunciamento, assim como a minuta para o Diário Oficial da União da comunicação para o Registro.

Na sequencia, o inteiro teor do parecer nº 50/2011 elaborado pela procuradora Genésia Marta Alves Camelo que, em 32 páginas, sumaria todo o teor do processo e concluindo favoravelmente, atesta que, para além das questões técnicas e de mérito cultural, o processo atende as exigências legais. Parecer este devidamente aprovado pelo Procurador-Geral do IPHAN em 09/06/11.

Segue-se a cópia da publicação do aviso no Diário Oficial da União em 24/06/2011.

Em 22/ 07/11 o segundo volume se encerra com ofício da profa. Anna Maria Serpa Barroso, Secretária Executiva do Conselho, de ordem do Sr. Presidente do IPHAN encaminhando todo o dossiê a este conselheiro que agora lhes apresenta o parecer:

Assim, constatamos que estão aqui presentes todos os requisitos técnicos e jurídicos exigido no Decreto nº. 3.551, de 4/8/2000 e na Resolução nº. 001 de 3/8/2006 e a generosa informação encontrada no dossiê, passa a se constituir num bom exemplo de trabalho realizado para a necessária comprovação do valor cultural do bem e de sua relevância para a memória nacional do ponto de vista cultural, artístico, histórico, étnico, antropológico e social.

A documentação que me chegou às mãos está apresentada em centenas de fichas, periódicos, CDs, vídeos, DVDs, fotografias, catálogos e documentos textuais, foi indexada conforme as normas e favorece condições para as futuras pesquisas assim como enseja ao IPHAN referências necessárias ao monitoramento do bem registrado.

O entendimento de como tudo se inicia do ponto de vista metodológico, implica na compreensão da forma como passaram a ser analisadas as manifestações de ocorrência em vários pontos do país, como é o caso das festas onde o boi aparece como figura central. Para tanto cito aqui a antropóloga Diana Dianovsky em seu erudito parecer, que integra este processo e ao qual devo sempre recorrer pelo excelente teor de seu completo discurso sobre o caso: "*o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, desenvolveu o projeto de pesquisa* ***Celebrações e Saberes da Cultura Popular*** *" com a finalidade de ser uma experiência piloto da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Este projeto tinha como linhas de pesquisa a explicitação da diversidade cultural presente na unidade nacional. Dessa forma, as pesquisas abarcaram elementos culturais que fossem comuns a diversas manifestações, mas que apresentassem particularidades dentro de* ***sistemas culturais*** *distintos. Por isso, iniciou-se o trabalho com os complexos culturais em que a figura do boi fosse referência central."*

Neste contexto, o recorte do INRC, estabeleceu o estado do Maranhão como "sítio" e as regiões de São Luís, Munim, Guimarães, Baixada e o município de Cururupu como "localidades". Buscando-se respeitar a classificação local que já associa espontaneamente cada estilo diferente de Bumba meu boi, que aí são denominados de "sotaques", às regiões onde eles se manifestam com mais intensidade.

Em função desta postura, a pesquisa foi inicialmente realizada em treze municípios: São Luís, Paço do Lumiar, Viana, Cedral, Mirinzal, Matinha, Cururupu, Guimarães, Rosário, Axixá, Presidente Juscelino, Central do Maranhão e Penalva.

Como resultado, o trabalho do INRC nesta primeira etapa experimental abrangeu 36 grupos de cinco sotaques, sendo 12 grupos em São Luís e 24 em municípios do interior, das regiões da Baixada e do litoral ocidental maranhense, tendo sido concluído em 2004 sem, no entanto provocar maiores repercussões entre a comunidade envolvida e sem que houvesse alguma parte que se manifestasse interessada no pedido de registro.

Em 2006 o assunto voltou à pauta da 6ª Reunião da Câmara do Patrimônio Imaterial e desde então a Superintendência do Iphan no Maranhão, assumiu o papel dinâmico de estimular a realização de reuniões entre os grupos interessados e as instituições, de forma a fomentar o debate da questão e um maior envolvimento da comunidade.

A partir deste momento formou-se a Comissão Interinstitucional de Trabalho que, de acordo com o Protocolo de Intenções assinado em abril de 2007, teve "*o objetivo de desenvolver condições institucionais para a realização dos trabalhos de complementação do Inventário Nacional de Referências Culturais do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão, produção de documentário audiovisual, documentação fotográfica e elaboração do dossiê para a instrução do processo de registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão como patrimônio cultural do Brasil e mobilização dos grupos produtores da brincadeira para esclarecimento sobre a proposta de registro.*"

Esta mobilização resultou em nova série de reuniões no decorrer de 2007, contando com outros atores que enriqueceram o debate ao mesmo tempo em que se realizava uma avaliação crítica da primeira etapa do INRC e de onde resultaram decisões estratégicas. Dentre elas, a necessidade de complementar o referido estudo. Assim, a nova etapa da pesquisa deveria incluir os "bois alternativos" e alcançar regiões excluídas na primeira fase,

IPHAN Fl. 408 Rubrica
IPHAN Fl. 405 MC

bem como realizar estudo sobre a musicalidade e a fabricação artesanal dos instrumentos, avaliando as implicações de sua substituição por industrializados.

Assim, a Comissão, por especial determinação da Superintendência local, promoveu a articulação com os grupos, traduzindo sua política em relação ao patrimônio imaterial ao mesmo tempo em que os mobilizava em torno do pedido de registro.

A maior integração dos representantes neste processo de pesquisa participativa propiciou a explicitação de diversas questões que afligem os grupos, favorecendo a busca de alternativas para a salvaguarda. Duvidas e incertezas em relação ao registro foram sendo esclarecidas e surgindo os entendimentos e relações para o indispensável envolvimento da comunidade em todo este processo que agora se aproxima de uma decisão.

Dentre as estratégias de complementação do INRC, houve a contratação de novos profissionais para a redação do Dossiê descritivo e estudos específicos sobre as danças e músicas do Bumba meu boi, aquisição de material bibliográfico, audiovisual e fonográfico, que contribuíram para enriquecer a instrução técnica.

Para fazer frente à dimensão do acervo de cultura popular a ser inventariado, decidiu-se pela ampliação dos estudos a começar pela área geográfica, possibilitando a inclusão de mais 50 municípios do Maranhão. E finalmente que a solicitação seria para o registro do **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão** como forma de celebração.

Neste ponto é importante reconhecer o esforço de superação de dificuldades entre as equipes do Departamento do Patrimônio Imaterial, da Superintendência Regional do IPHAN e dos órgãos estaduais e municipais. Assim lograram constituir uma equipe da qual fizeram parte dentre outros; Luciana Carvalho, Letícia Viana e Gustavo Pacheco, do DPI; Já da equipe local foi destacada a participação da historiadora Kátia dos Santos Bogea, a antropóloga Izaurina Maria de Azevedo Nunes que foi incansável e dedicada Coordenadora Geral da elaboração do dossiê, de Jandir Silva Gonçalves, da antropóloga Abmalena Santos Sanches e de Iguaracira Sampaio. Citamos também entre outros tantos importantes colaboradores a consultoria do antropólogo Raul Lody.

O processo completa agora dez anos. Duração que permitiu alcançar a maturidade dos estudos e preparar um dos melhores dossiês de candidatura que já pude avaliar. De fato este conjunto generoso de milhares de páginas de documentos revelam de forma didática, detalhes do esforço técnico e ao mesmo tempo apaixonado de profissionais a serviço da instituição, dedicados à defesa e a salvaguarda deste acervo em todas as suas etapas. Aí estão registrados os acertos e as falhas. A metodologia da pesquisa. A caracterização do objeto e a forma de envolvimento da comunidade interessada. Cada procedimento deste passa a se constituir em experiência exemplar, a iluminar caminhos.

Observando-se a bibliografia consultada pode-se conferir nada menos que 94 títulos entre livros, teses e estudos, dentre os quais não poderíamos deixar de citar; Mario de Andrade, Câmara Cascudo, Sergio Figueiredo Ferreti, Américo Azevedo Neto, Tácito Borralho, Edison Carneiro, Luciana Carvalho, Maria Michol Pinho de Carvalho, Mundicarmo Ferreti, Carlos de Lima, Juliana Manhães, Esther Marques, Joila Morais, Arthur Ramos, José de Ribamar Sousa dos Reis, Abmalena Santos Sanches e Gisele Vasconcelos entre outros importantes autores que se debruçaram sobre o tema.

O fato é que os documentos abrangem de forma tecnicamente apurada, ampla e competente os aspectos gerais da celebração do boi como figura mítica e repleta de simbolismos. Aí estão estudos que nos mostram o culto ao boi na história geral das civilizações desde os tempos imemoriais na pré-história, passando pela mitologia grega,

IPHAN Fl. 409 Rubrica
IPHAN Fl. 406 Rubrica

para chegar às formas de manifestação tal como se verificam no Brasil até ao contexto histórico-cultural maranhense.

Fica evidente que a figura do boi como elemento central está presente em várias das maiores festas populares em todas as regiões do País. Citam-se como exemplos o Bumba-meu-boi, Boi-bumbá, Boi Surubi, Boi Calemba, Boi-de-mamão, Boi Pintadinho, Boi Maiadinho, Boizinho, Boi Barroso, Boi Canário, Boi Jaraguá, Boi de Canastra, Boi de Fita, Boi Humaitá, Boi de Reis, Reis de Boi, Boi Araçá, Boi Pitanga, Boi Espaço, Boi de Jacá, entre outros. Enfatiza-se ainda que, há traços comuns entre estas manifestações, não obstante a explícita diversidade expressa por suas denominações.

O Dossiê chega a detalhar as diferenças e semelhanças destas muitas "festas do boi" em relação ao Bumba-meu-boi do Maranhão especificamente. Há também diferenças na época do ano em que ocorrem. No norte do país durante o ciclo junino, como é o Bumba-meu-boi do Maranhão. Nos estados do nordeste durante o natal. No sudeste, são realizadas durante o carnaval. Já em Santa Catarina,Paraná e Rio Grande do Sul também ocorrem no ciclo natalino. Observa-se que este "calendário" não é rigoroso e podem ocorrer manifestações semelhantes em outras épocas do ano por todo o país.

A origem da festa do boi é questão debatida no mundo acadêmico. Nosso dossiê aborda este debate entre antropólogos, etnólogos e folcloristas situando-o desde o fim do século XIX. Nina Rodrigues e Arthur Ramos consideravam o Bumba-meu-boi oriundo das práticas africanas, dos negros escravizados da tribo Bantu, que trouxeram a religiosidade baseada no totemismo. Para Amadeu Amaral, as raízes do Bumba-meu-boi estavam no próprio Brasil a partir de escravos trabalhadores rurais. Renato Almeida e Câmara Cascudo defendem que o Bumba-meu-boi é uma fusão de elementos de origem portuguesa e indígenas e Mario de Andrade que sua origem residia na Península Ibérica.

Mais próximo de Mário de Andrade, o historiador maranhense, Rafael Moreira, radicado em Portugal, Doutor em história da arte da Universidade Nova de Lisboa, e consultor da equipe que elaborou o dossiê de São Luís quando da candidatura ao título de Patrimônio Mundial junto à UNESCO, acredita em raízes fundadas na ópera barroca europeia, em versões populares que a época eram apresentadas em praças públicas de nossas cidades coloniais e imitadas pelos escravos, e dá seus exemplos ao pesquisar sobre Vila Nova de Mazagão fundada no norte do Brasil em 1770 pelo Marquês de Pombal e cita outras cidades brasileiras do período: "*Salvador tinha sala de ópera desde 1760, Ouro Preto em 1769, Belém em 1775 (arquiteto Landi). São Luís terá tido por aí, mas é certeza que houve óperas de rua ao ar livre, embora ainda nada se saiba exatamente sobre quem eram os concertistas, sopranos, cenógrafos e dançarinos.* É nesse tipo de representações popularizadas que estará, segundo suas teorias *"- a origem da história do "boi", bem adequada a uma sociedade em que a riqueza era o gado, como a de São Luís e da Baixada Maranhense - únicos lugares onde há Bumba-meu-boi à antiga"*.

Como as demais polemicas, esta contribui para enriquecer o assunto, na medida em que atrai para o tema, o pensamento e a dedicação de estudiosos e pesquisadores. E nos reforça o entendimento de que, se a origem desta manifestação afinal enfrenta controvérsias, como vimos, sobre se suas origens seriam africanas ou europeias da península ibérica, o que nos fica como saída muito honrosa, é que se trata de mais uma grande e exitosa demonstração de capacidade de congraçamento de raças e culturas celebradas por Darcy Ribeiro em suas obras imortais ou no entender de Câmara Cascudo que aposta na fusão de elementos culturais ou ainda na recente e popularíssima Regina

IPHAN Fl. 410 Rubrica
IPHAN Fl. 417

Casé com sua bem sucedida versão de cultura popular televisiva de "tudo junto e misturado".

Assim é que a pesquisa destas origens, o decifrar de seus rituais, modos e tradições, permitem-nos cada vez mais aprofundar na busca da compreensão do fenômeno de constituição da nação brasileira ao longo dos cinco séculos de história, ampliando conhecimentos sobre a influência das diversas culturas na gênese da sociedade contemporânea.

Os estudos seguem mostrando as especificidades locais, a brincadeira envolve milhares de pessoas de ambos os gêneros e de todas as faixas etárias sem discriminação de classes, com predominância de profissões mais populares como pescadores, estivadores, trabalhadores rurais, ou da construção, vigilantes, pequenos comerciantes, empregadas domésticas. Mas também em determinados estilos, pode-se encontrar estudantes, funcionários públicos e profissionais liberais. No entanto as primeiras notícias extraídas na pesquisa histórica revelam que esse congraçamento social nem sempre ocorreu. Tudo indica que no século XIX, o Bumba-meu-boi era reconhecido como uma atividade masculina predominantemente praticada por escravos negros e também que muitas vezes a alegria rapidamente se mesclava com atitudes beligerantes e aguerridas.

Os grupos de Bumba-meu-boi estão presentes em todo o estado. Um levantamento realizado pela Secretaria de Estado da Cultura apurou para a ocorrência de pelo menos 450 grupos de Bumba-meu-boi em 70 municípios, mas existem variações de cada região. Dividem-se principalmente, nos cinco já mencionados sotaques: 1) Sotaque da Ilha ou de matraca, que são grupos originários de São Luís; 2) Sotaque de Zabumba ou de Guimarães, do município de Guimarães; 3) Sotaque de Costa-de-mão ou de Cururupu; 4) Sotaque da Baixada, do município de Viana e 5) Sotaque de Orquestra, da região do rio Munim.

Esta classificação é consagrada entre os próprios praticantes e também pelos meios intelectuais locais e institucionais. Entretanto ainda aparecem manifestações que não se enquadram nestas categorias, mas com igual valor de existência e reconhecimento por suas comunidades tais como os Bois de Verão, Bois de Carnaval, Bois de Terreiro, Boi de Promessa, Boi de Reis, e outros encontrados nas regiões do Baixo Parnaíba e Lençóis Maranhenses ou ainda os grupos para-folclóricos, tendo como principal exemplo desta categoria o famoso "Boizinho Barrica" criação de José Pereira Godão, poeta e compositor da nova geração do bairro da Madre Deus, uma prova da capacidade de renovação e criatividade da brincadeira.

Os festejos são escalonados em quatro tempos: ensaios, batismo, apresentações e morte. Ensaios se iniciam no Sábado de Aleluia, comprovação de sincretismo com as datas católicas e se estendem à primeira quinzena de junho. Na véspera de São João, em 23 de junho, é o batismo do boi. Realizado por rezadeiras, algumas ladainhas ainda são cantadas em latim. Este batismo pode ser realizado na sede dos grupos, nas Igrejas católicas ou ainda em casas de culto afromaranhenses. É momento que simboliza a purificação do novilho, e em que se pede permissão a São João para que o seu boi possa brincar. Antes visto com distanciamento pelos sacerdotes católicos, ultimamente vem ganhando aceitação e a tal ponto que alguns padres passaram a assumir pleno compromisso com a cerimônia. Ressaltam, no entanto que se trata de uma benção e não de batismo, uma vez que Igreja não pode realizar o sacramento do batismo no boi. Entretanto para os brincantes é batismo! E é o momento da revelação do nome do boi.

Após batizado, o boi sai pelas ruas e os grupos iniciam as brincadas. As festas acontecem em arraiais que são montados nos bairros e patrocinados pelo poder público

IPHAN Fl. 411 Rubrica
IPHAN Fl. 408 Rubrica

estadual ou municipal. O ciclo de apresentações na capital é marcado por dois grandes eventos: uma alvorada no dia de São Pedro, 29 de junho, na Capela de São Pedro, no bairro de Madre Deus, e o desfile do dia seguinte, dia de São Marçal, da Avenida São Marçal, no bairro de João Paulo.

Mais recentemente tem ocorrido também o Festival de Bumba-meu-boi de Zabumba, sendo que as apresentações são realizadas com base em uma sequência de toadas ritualísticas que conferem um sentido de ordenação e respeito ao público: **o"guarnicê**", que significa a preparação do grupo; **a "reunida**", onde os brincantes se agrupam; o **"lá vai"** quando se avisa que o grupo está saindo para brincar; o **"boa noite, chegou ou licença"**, momento em que o Boi pede permissão para dançar; a **"saudação**" é quando são cantadas toadas de temas livres sobre assuntos da atualidade ou louvações ao Boi, ao dono do grupo e demais pessoas consideradas pelo grupo; a encenação do auto; **o "urrou**", quando o Boi ressuscita; e **a "despedida"**, que marca o fim da apresentação.

Há um capítulo especial nos estudos sobre as "atualidades", versos que entram nas composições das toadas dando conta de assuntos regionais, políticos ou de grande interesse da humanidade, alguma vezes abordados de forma critica ou jocosa, que dão um caráter de revista à brincadeira coisa que Mario de Andrade já observara nos idos do século passado.

Há grandes concentrações no fim de junho e em 26 de julho, dia de Sant'Ana encerra-se este ciclo junino. Daí até novembro, em datas próprias à conveniência de cada grupo, vem a celebração do ritual da morte do boi, evento, este sim que encerra o ciclo anual do boi.

Em todo o estudo ficam enfatizadas as profundas ligações com a religiosidade em especial de catolicismo popular e religiões afromaranhenses. Além daqueles bois que são simplesmente de apresentação, há outros cuja motivação reside no pagamento de promessas e oferendas a entidades espirituais, formas pelas quais o Bumba-meu-boi permeia muitas dimensões da vida social dos participantes.

Traço comum a todos os estilos e sotaques é o núcleo do auto do Bumba-meu-boi. Morte e ressurreição de um boi predileto, querido pelo seu dono (o amo) e pelos vaqueiros. Pai Francisco, escravo da fazenda, submisso aos desejos de gravidez de sua mulher, Mãe Catirina , rouba de seu dono o animal mais querido, o mata e corta sua língua. O amo sente falta do boi e inicia-se a busca. Pai Francisco, também chamado Nego Chico, é o suspeito numero um e por isso todos os vaqueiros saem em sua captura. Nesta empreitada são auxiliados pelos caboclos guerreiros, os índios. Quando preso, sofre terríveis castigos e é ameaçado de morte pelo patrão. Para não morrer, Pai Francisco precisa ressuscitar o boi. Portanto, clama pelo doutor ou curandeiro que entra em cena com a finalidade de ajudar a trazer à vida o boi precioso, que, ao ressuscitar, "urra". Todos, então, cantam e dançam em comemoração.

Sobre a caracterização dos personagens os estudos constantes do dossiê são extremamente ricos e detalhados e passo a me valer de uma síntese realizada pela antropóloga Diana Dianovski em seu excelente parecer:

"Dentre os principais personagens estão, o Boi e o miolo, o brincante que manipula o Boi-artefato. O amo, conhecido como cabeceira, mandante, mandador e patrão, interpreta o amo do boi e também é responsável por puxar as toadas, tocar o apito e balançar o maracá, dominando a situação do grupo como um todo; muitas vezes é desempenhado pelo "dono do Boi". Há os vaqueiros, vaqueiros campeadores e "rapazes" que interpretam os rapazes da fazenda. Os brincantes de cordão chamados de "baiantes", rajados, marujados, caboclos-de-fita, vaqueiros de cordão que acompanham a música e a

IPHAN Fl. 412 Rubrica

IPHAN Fl. 409 Rubrica

dança. Os caboclos-de-pena, caboclos guerreiros ou caboclos reais, exclusivos no sotaque da Ilha, são responsáveis pela captura do Pai Francisco. As índias ou tapuias e os índios, presentes em todos os estilos, que dançam em cordão ou em fila. Os palhaços, palhaceiros, chefes de matança são os personagens responsáveis pela parte cômica da brincadeira, por elaborar e interpretar as narrativas. A Catirina e o Pai Francisco personagens do auto do boi. Os cazumbas ou cazumbás, do sotaque da Baixada, seres mascarados que geram muitas interpretações, personagem híbrido e fantástico entre o animal e o humano. Os bichos e bicharadas, criados de acordo com a narrativa. A burrinha, uma espécie de vigilante da roda que tem a função de manter o espaço necessário à brincadeira. Dona Maria, também conhecida como carregadeira do santo, uma senhora que acompanha o grupo com a imagem ou quadro de São João para homenageá-lo e pedir licença; é mais comum nos Bois da Baixada Ocidental e da região do Pindaré. No plano musical, encontram-se as toadas e os instrumentos musicais membranofônicos, idiofônicos, aerofônicos e cordofônicos. Alguns são específicos de determinados estilos, outros são comuns a todos, como o tambor-onça, o maracá e o apito. Já as zabumbas e os pandeiros aparecem em pelo menos dois estilos. Podemos listar, entre os membranofones, o pandeiro, o pandeirão, o pandeiro de costa-de-mão, os pandeiros v8, o pandeirinho/tamborinho/tamborim Zabumba, bombo poligonal, marcação ou caixa, treme-terra/surdo, caixa de duas bocas/caixinha/caixa-zabumba/caixa, tambor de fogo, tambor-onça/onça/roncadeira, tarol e retinta. Entre os idiofones, a matraca, palma, maracá, cabaça, cujuba, chiadeira, chocalho/sino/campainha, ganzá, reco-reco e triângulo. Entre os aerofones, apito, búzio, sax/saxofone, trombone e trompete. Entre os cordofones, banjo e violão.

O plano coreográfico, apresenta movimentos e características comuns a diversos sotaques sem, contudo, perder suas especificidades. Percebe-se que há um conhecimento específico sobre a forma de dançar o Bumba-meu-boi que é passada de geração em geração. É uma tradição expressada nos corpos dos brincantes, histórias de vida extravasadas em momentos de celebração" (Dossiê descritivo, p. 172).

Uma das forças mobilizadoras do Bumba-meu-boi reside no fato de que sua realização implica em grande envolvimento dos participantes ao longo de todo o ano e não somente no período de vigência da festa. Especialmente para a produção das indumentárias, treinos, ensaios de autos e composição de toadas. Estas reuniões de grupos ocorrem nos barracões do boi, também denominadas de sede, curral ou terreiro, ou ainda nas casas dos produtores principais responsáveis e líderes dos grupos.

O Dossiê trás também a trajetória do Bumba-boi com os indicativos das principais mudanças ocorridas. A pesquisa histórica nos revela os primeiros registros em letra de forma nos jornais e boletins de ocorrência policiais em 1820, evidenciando o caráter de antiguidade da manifestação. Aí o movimento popular, se assim o podemos chamar, por ser um coletivo oriundo das camadas mais humildes da sociedade, já aparece marcado por forte prevenção contra os brincantes, em grande maioria, negros escravos. Estas já são ocorrências policiais, uma vez que a brincadeira só poderia acontecer com prévia autorização da polícia. É significativo o registro encontrado pela pesquisadora Mundinha Araujo no acervo de manuscritos originais do Arquivo Público do Estado do Maranhão.

"A sétima patrulha composta de guardas nacionais do segundo batalhão prendeu às seis horas da tarde na rua de Santana, o preto Fernando, escravo de José Maria Barreto por andar com uma armação coberta, vulgarmente conhecida por bumba-meu-boi dando assim motivo a que se reunissem grupos de pretos fazendo motim pela rua"

IPHAN Fl. 413 Rubrica
IPHAN Fl. 410

(Documento do Corpo de Polícia -- Partes do dia - em 11 de Março de 1839)

Curiosamente chama a atenção, a absoluta ausência de registros sobre a realização do Boi entre 1861 e 1868 e os estudiosos deduzem que a repressão tenha atingido a tal ponto que ele tenha sido completamente banido neste período, embora já estivesse bem constituído como festejo, pois a pesquisa identifica já no início do século XIX registros que atestam as mesmas características básicas da festa, os elementos do auto e os personagens tal como chegaram aos nossos dias, assim como as discussões dos autores sobre o tema.

Em 1868, João Domingos Pereira do Sacramento, abordava a questão dos impactos das inovações ao exprimir sérias restrições ao que ele considerava como interferências prejudiciais realizadas na festa daquele ano, dentre elas, a inclusão das matracas, que hoje é um dos instrumentos mais característicos do sotaque da Ilha.

Prosseguindo, o dossiê organiza as grandes transformações que ocorreram no século XX, sob a ótica de sua assimilação pela sociedade maranhense em quatro fases principais: o tempo dos conflitos, de 1901 a1950; o tempo da valorização, de 1950 a 1970; o tempo da institucionalização , de 1970 a 1990; e o tempo da inserção no mercado de bens culturais, a partir de 1990.

O tempo dos conflitos, da primeira metade do século 20, é registro das rivalidades entre os grupos, onde muitas vezes a festa terminava em grossas pancadarias pelas ruas. Muito similar ao que pesquisamos com o caso do frevo de Recife. Em ambos, ser considerado "bom de briga" era uma vantagem que destacava o brincante no grupo. Este caráter aguerrido da brincadeira justificou a repressão policial e alimentou o preconceito da elite maranhense na época. Assim, alternavam-se as posturas de proibição e de permissão.

No tempo da valorização, de 1950 a 1970 a manifestação consegue ser aceita no meio sociocultural maranhense. A realização de concursos contribuiu para que os grupos passassem a se apresentar em espaços culturais antes restritos à elite. Além do que os grupos de Bois oriundos de municípios já se encontravam radicados em São Luís, consolidando o surgimento de outros batalhões e, por efeito de concorrência, fortalecendo os locais. A história recente atesta que foi também neste período que surgiu o sotaque de Orquestra.

Estes fatores colocaram em evidencia os festejos e valorizaram o Bumba-meu-boi, despertando o interesse das instituições de governo que começaram a capitalizar a brincadeira para a indústria do turismo. No início de 1960 ocorreu a aproximação entre o poder público e a cultura popular de um modo geral e com os festejos de boi em particular. "*Assim, embora já houvesse, desde 1953, um Departamento de Cultura criado pelo governo do Estado, foi pela via do turismo que a cultura popular e, mais especificamente, o Bumba-meu-boi começaram a despertar maior atenção do poder público". (Dossiê descritivo, p. 55)* É importante registrar que no início dos anos 70, Zelinda Lima, pesquisadora e autora de um competente e incansável trabalho em defesa da cultura popular do Maranhão, então a frente da recém-criada Empresa Maranhense de Turismo, foi uma das grandes iniciadoras do apoio oficial ao Bumba meu boi, estimulando a valorização dos grupos mais tradicionais.

No período mais recente de 1970 a 1990 verifica-se a consolidação desta brincadeira alcançando o status de principal representante da cultura popular maranhense. No bojo desta transformação os grupos saíram da informalidade e se organizaram do ponto de vista legal e institucional para se habilitarem aos financiamentos, participar de editais, concorrer a recursos públicos, às programações e calendários oficiais dos governos.

IPHAN Fl. 414 Rubrica

IPHAN Fl. 414 Rubrica

"A criação de entidades associativas e a organização dos grupos impactaram a brincadeira. Como resultado, os grupos conseguiriam angariar mais recursos, construir sede, agregar mais pessoas aos grupos e confeccionar as próprias indumentárias. Contudo, houve também impactos negativos. Entre outros, destaca-se a necessidade de adaptação das apresentações às novas exigências, como a diminuição do tempo da brincada, o que ocasionou a supressão dos autos ou matanças. (Dossiê descritivo, p. 56)"

A década de 1990, consagrou o Bumba-meu-boi como produto no mercado cultural, em decorrência do forte apoio do poder público, especialmente da parte do governo estadual, que assumiu o compromisso político de investir somas significativas de recursos através dos planos de apoio às festividades. Igualmente foram realizados investimentos para apoiar a construção de novas sedes ou barracões bem como na melhoria da infraestrutura dos locais para apresentação em logradouros públicos nos bairros mais populosos da capital ou que manifestam com mais força esta tradição.

Finalizando minha obrigação de transmitir aos conselheiros uma síntese fiel deste extenso dossiê encontramos o capítulo importante das salvaguardas. A instrução técnica para o registro apontou algumas medidas de salvaguarda.[1] Conforme bem observa a antropóloga Diana Dianoviski: *"São sugestões concisas e divididas em três linhas de atuação: 1) incentivo à documentação, conhecimento e divulgação; 2) fortalecimento e apoio à sustentabilidade dos grupos e 3) valorização das expressões tradicionais do Bumba-meu-boi.*

Para a documentação, conhecimento e divulgação, o dossiê sugere o estímulo a pesquisas, estudos e análises do Bumba-meu-boi. Apoio aos audiovisuais, gravação de CDs, documentários, exposição de fotografias, estabelecendo formas de divulgação e circulação estadual e nacional.

Para o fortalecimento e sustentabilidade dos grupos, sugere oficinas para formação de lideranças capazes de elaborar, executar e gerir projetos culturais. Criação de espaços de diálogo para que consigam identificar suas necessidades. Implantação de políticas públicas em municípios do interior para beneficiar os não contemplados nas ações atuais, valorizando expressões locais e reduzindo possibilidades de discriminação. Há sugestões de salvaguardas também para as performances cômicas, instrumentos musicais (identificação e estudo, especialmente os do interior) e às indumentárias (oficinas de fabricação).

O dossiê assinala ainda a necessidade de se recriar espaços que possibilitem a interação entre os brincantes e a plateia, uma vez que alguns arraiais introduziram um palco que distancia o público, modificando assim, as práticas de sociabilidade tradicionais do Bumba-boi, calcadas na aproximação entre brincante e espectador.

As diretrizes para as ações da salvaguarda reconhecem que a inevitável inserção no mercado dos bens culturais acarretou consequências, gerando mudanças na indumentária, na musicalidade e provocando a exclusão dos autos em um número significativo de apresentações desde a década de 1980. Contudo, é justamente nas manifestações tradicionais e no trabalho artesanal, além da musicalidade e danças, que é expressa a criatividade do povo do Maranhão que faz a grande festa do Bumba-meu-boi.

Encerradas as recomendações da salvaguarda não cabe aqui nenhuma pretensão de analisar o mérito da questão do riquíssimo patrimônio musical e coreográfico que através do bumba meu boi, pulsa vivo no cotidiano destas cidades do Maranhão. Estes aspectos já foram brilhantemente abordados pelos especialistas em seus respectivos estudos e textos

[1] Dossiê descritivo, p. 193-194.

IPHAN Fl. 415 Rubrica
IPHAN Fl. 412 Rubrica

que constam dos autos deste processo. Entretanto trata-se de uma faceta das mais ricas o universo dos cantadores.

E é tão grande a relação de talentosos amos, compositores e cantadores de toadas que seria impossível citar aqui nomes sem incorrer em omissões de registros importantes. Mas devemos anotar os que já foram se encontrar com São João, São Pedro e São Marçal: São eles; João Pimenta do sotaque de Costa de Mão, Josemar, Hilário Bispo, Germano, Secundino, Calça Curta, João de Chica e Marciano, todos de Bois de Matraca, Zé Apolônio, Bartolomeu dos Santos (Coxinho), João Câncio e Camaliete, representantes do boi da Baixada, Newton Correia, Antero Viana, Leonardo Martins, Misico, Lauro e Laurentino, todos representavam a melhor escola do Boi de Zabumba, Barbosa, José Nazar e Machado foram expoentes de Boi de Orquestra.

Consideramos somente oportuno reiterar o reconhecimento de que o estudo de manifestações da cultura popular tem permitido melhor entendimento sobre a formação do povo brasileiro. Neste caso, além das pesquisas antropológicas e etnográficas já realizadas, temos todo um campo aberto à sociologia urbana que pode ser traçada a partir da trajetória do bumba meu boi, em decorrência de sua grande vascularização e presença em todas as camadas da sociedade.

Os estudos como o do Bumba meu boi e a busca de suas origens permitem-nos também lançar outro olhar sobre a evolução social do país. É o resultado de um modelo de economia baseado na mão de obra escrava, no latifúndio e na exportação em massa de produtos agrícolas e da pecuária, que se reproduziu de norte a sul do país nos tempos da colônia e império, originando as profundas contradições da concentração da riqueza, que por um lado nos legou a herança secular de uma rica cultura e grandes conjuntos arquitetônicos dignos de serem reconhecidos como patrimônio da humanidade, mas também os grandes contingentes de populações que ainda hoje subsistem à margem do progresso.

Permite-nos ainda identificar as estratégias criativas das classes desfavorecidas pelo regime colonialista e escravocrata. Pois com o propósito de defesa e sobrevivência os escravos e oprimidos acabavam por se reunir sob o manto de grupos de brincantes ou irmandades religiosas como alternativa utilizada para aglutinar suas forças.

Entretanto com o passar do tempo, o que fora a agressividade dos grupos pela necessidade de defesa, tornou-se expressão de alegria contagiante e otimismo e o povo maranhense foi pouco a pouco fazendo da resistência contra a repressão uma lição de liberdade e o Bumba meu boi é hoje reconhecido como um dos mais notáveis eventos culturais brasileiros e faz parte das artes que melhor representam nossa herança cultural.

Como relator deste processo não posso deixar de registrar um depoimento pessoal. O assunto me toca pelos antecedentes que tenho com o tema. Neste momento se completa para mim um ciclo de acontecimentos repletos de significados. Vem-me a mente a lembrança do ocorrido nos idos de 1977, logo na minha primeira missão de trabalho como engenheiro no Maranhão, quando fui enviado ao arquipélago de Maiaú, município de Mirinzal, com a tarefa de construir as bases da primeira subestação de energia elétrica para a região e onde, por força de um destino que queria que eu me apaixonasse por aquela terra e por aquela gente, fui conduzido a assistir ao espetáculo de um Bumba meu boi nas terras do quilombo do Frechal. O impacto daquela revelação, iluminado ali apenas pelo clarão de uma grande fogueira, ficou indelevelmente marcado em minha memória. Não sabia ainda naquele instante mágico, que estava tendo o privilégio de testemunhar um "costa de mão",

IPHAN Fl. 416 Rubrica
IPHAN 413 Rubrica

um dos mais autênticos sotaques de Bumba meu Boi e que tanto tempo depois iria recair sob minha responsabilidade esta defesa.

Desde então tornei-me encantado pela festa. Tempos mais tarde em 1984, depois da recuperação do mercado popular da Feira da Praia Grande no coração do centro histórico de São Luís, ali naquele que se tornou um ponto de encontro de artistas e poetas, tive a sorte de conhecer pessoalmente o Mestre Bartolomeu dos Santos, conhecido por Coxinho, um dos maiores de todos os compositores do gênero do Bumba me Boi, a quem devemos a célebre toada que, não por acaso, abre o vídeo desta candidatura e foi homenageada por lei municipal como hino oficial do folclore maranhense.

Já em 1993, vivi as emoções de ser padrinho de um dos bois tradicionais de sotaque de zabumba, o de Mestre Antero Viana do Monte Castelo e finalmente, ao visitar a Casa de Nagô e a Casa das Minas, cujo tombamento também tive a honra de relatar neste Conselho, pude entender as profundas ligações místicas e religiosas que fazem da manifestação do Bumba meu boi talvez a mais completa, legitima e fortemente enraizada no universo anímico e telúrico do povo maranhense.

Esta é pois uma história que não deixa dúvidas, que se confirma em cada prosa, em cada esquina, que se funde e se mistura com a história bonita de lutas do maranhense. Ela está i-materializada no imaginário popular. Tem valor ancestral. E o resultado desta colheita é emocionante por mais "científico" que seja o analista. Não há como ficar impassível perante a emoção que brota desta arte. Aos colegas conselheiros posso afiançar: Eu vi. E posso lhes assegurar, suplementando a parte técnica deste dossiê, que, nada, nenhum texto, documentário em vídeo, fotografia, relatos descritivos, pode-se igualar em emoção, à avaliação de presenciar este feito onde ele acontece, vendo, ouvindo e sentindo os brincantes em movimento ao som do vibrante troar das zabumbas nos terreiros de um quilombo de Cururupu, nos barracões da periferia urbana das cidades ou as matracas no fabuloso cenário do centro histórico de São Luís herança rara do Patrimônio Mundial.

Aproveito aqui para renovar minha profissão de fé no ofício que desempenhamos neste Conselho, lembrando que: "*o ato de proteção, que está implícito na figura do registro incide também sobre a auto estima das pessoas diretamente envolvidas, bem como da comunidade envoltória. Ele também confere valor. E como valoriza, ele eleva e estabelece uma aura de respeito sobre o bem que se pretende preservar. O registro ultrapassa a dimensão de um ato jurídico e burocrático, e se torna uma estratégia de distinguir, de divulgar, de fortalecer argumentos de defesa, e portanto, um caminho para consolidar as perspectivas de continuidade para o futuro*"[2].

De tudo que foi visto, parece ficar evidente que o arquétipo do boi como motivo central se torna tão expressivo por que faz parte do inconsciente coletivo da humanidade e aparece com força em muitas regiões do Brasil mas foi no território do Maranhão que os componentes se aglutinaram de forma tão densa que fizeram desta manifestação uma marca registrada de suas manifestações culturais, já tão ricas e diversas, bastando lembrar o Cacuriá, o Terecô, a dança do Lelé, o Coco, a dança de São Gonçalo, o Tambor de Mina e finalmente do Tambor de Crioula também já registrado por este conselho como patrimônio cultural do Brasil no livro das Formas de Expressão, atestando a diversidade e a força de sua cultura popular.

---

[2] Andrès, Luiz Phelipe. In pág 8 do parecer sobre o "Terreiro Casa das Minas, de São Luís, Estado do Maranhão" .Processo nº1464-T-00, em 17/08/2002

IPHAN Fl. 417 Rubrica

IPHAN 414

Acervos como o Bumba meu boi, por se constituírem em importante foco de resistência da cultura legitimamente nacional, não só tem relevância para o Estado do Maranhão e para o país, mas se revestem de um valor universal como uma lição de liberdade e humanidade. E concluindo assim, e reafirmando os demais pareceres constantes do processo sou de parecer favorável à inscrição, no Livro de Registro das Celebrações, do **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão** como **Patrimônio Cultural do Brasil**.

Urrou! Urrou! Meu novilho é brasileiro! Assim cantava Coxinho em sua máxima toada, hino da cultura popular do povo do Maranhão!

Esta é a avaliação que submeto ao pleno deste conselho.

São Luís, em 28 de Agosto de 2011.

Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès
Conselheiro do Conselho Consultivo do IPHAN.